

Não foi trivial decisão de Chai

por B. Maninguane

Decididamente que os órgãos de comunicação social ao serviço do colonialismo português não eram os melhores canais pelos quais os moçambicanos pudessem ter tomado conhecimento do início da luta pela independência. Para se noticiar o acontecimento na imprensa muito tempo passou e só quando já não era possível fazer ouvidos moucos à insistência com que o assunto aflorava à boca da opinião pública internacional, é que os colonialistas acordaram internamente da letargia em que haviam mergulhado e atabalhoadamente tentaram escamotear a verdade.

Ora, o ataque a Chai, aconteceu a 25 de Setembro, num período em que altos dignitários do Governo da metrópole colonial andavam pelas colónias ou haviam andado. Na verdade, depois da recente visita de Américo Tomás, Presidente da República, viajava pelas colónias o Ministro do Ultramar do Gabinete de Salazar. Este Ministro tentava vestir as colónias com o traje de tranquilidade, paz e estabilidade social perdidas ou minorar a real dimensão das guerras já por demais conhecidas de Angola e Guiné. Esforço inglório.

No jornal «Notícias» transpira que algo acontece em Moçambique, quando um tímido apontamento faz questão de que os cidadãos deste território se acautelem de «sua excelência o boato». Claro está que o referido apontamento, vindo a lume a 2 de Outubro, não faz referência a nada de concreto, não faz a mais leve insinuação do que quer que seja: apenas diz «Vê o que te entra pelo ouvido adentro».

Numa jogada psicológica, como adiante se verá, o mesmo jornal anuncia o início da circulação do repositório da visita de Américo Tomás a Moçambique com a publicação de um suplemento que valoriza a «capacidade de Portugal de unir numa mesma família povos de vários quadrantes».

Entretanto, a 13 de Outubro o galo canta. O «Notícias» escreve na primeira página, com grande destaque: «Desde há meses que de países comunistas são desembarcados armamento e munições no Tanganhica. Como foi tornado público pelo próprio Presidente Julius Nyerere, chegam a Dar-es-Salaam algumas dezenas de instrutores militares chineses e russos».

Adiante, o jornal assinala que «cinco pequenos bandos sepa-

rados entraram em Moçambique. Três desses bandos», prossegue, «foram imediatamente aprisionados e os outros posteriormente localizados». O jornal fala de um prisioneiro formado me Pequim e com a patente de General e avança que os elementos em questão pertencerão, provavelmente, a grupos rivais.

Este noticiário é polvilhado com considerações difamatórias orientadas na tónica de que quem presta atenção aos factos ocorridos faz, no mínimo, tempestade em copo de água. Neste noticiário comentado pode ler-se: «Nada do que neste momento se está a passar nos consegue surpreender. Tudo está absolutamente certo, tudo obedece às regras fixas do velho plano de sempre, já de antemão sabido por todos nós. A subversão não é nova». O jornal discorre sobre o assunto considerando que casos do género são triviais e corriqueiros em África. Nas entrelinhas lê-se que os africanos, mesmo ascendendo à Independência Nacional, não sabem o que fazer dela.

As edições imediatas incluem reacções de Lisboa. Uma nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros, dirigido por Franco Nogueira, diz que em Moçambique são «totais a ordem e a paz». O Governo Geral de Moçambique, à frente do qual estava o General Costa Almeida, porém, diz publicamente, com uma violência de linguagem que só o desespero justifica «que a integridade do território jamais poderá ser objecto de mínima discussão». Era, portanto, imperioso defender tenazmente o que ao colonialismo nunca pertenceu.

No período imediato aos tiros de Chai, cresceu a movimentação diplomática de Portugal, que namorou a Grã-Bretanha para pressionar a Tanzânia a retirar-nos a sua disposição de retaguarda segura. Todavia, se a diplomacia portuguesa andava com pezinhos de lã e somava alguns pontos, o grande apoio da comunidade internacional era para os patriotas da independência, nomeadamente, através da ONU, instância na qual Portugal era severamente pressionado com a denúncia da sua teimosia em manter o império colonial e as flagrantes injustiças nele praticadas. Este empenho do mundo na nossa causa bem diz do quanto não foi trivial a decisão de Chai.

Complementando a actividade diplomática internacional do colonialismo, em Moçambique, a PIDE não tem mãos a medir,

esforçando-se por inutilizar as redes de trabalho clandestino que os patriotas mantinham em funcionamento. Entretanto, a nível do grande público moçambicano a imprensa dedicava largos espaços à guerra fria em curso entre o Leste e o Ocidente, seguiu atentamente as eleições presidenciais norte-americanas nesse ano ganhadas pelo democrata Lyndon Johnson.

A luta pela independência e os abusos no chamado «espaço português» se bem que assuntos inconvenientes internamente, eram tópicos candentes nos fóruns internacionais, especialmente as reuniões pan-africanas e na Assembleia Geral da ONU, instância onde Portugal não tinha espaço de manobra. Na 19.ª Sessão, por exemplo, a maioria dos participantes abandonou a sala quando oradores a soldo do colonialismo se ergueram para falar em defesa de uma causa perdida.

Em presença deste quadro desfavorável, Portugal colonial assumia o papel de vítima da difamação e chantagem, procurando colher os incautos. É assim que é, sucessivamente, «vítima da chantagem» da Tanzânia, depois de todos os outros países africanos, depois dos países comunistas europeus, dos quais os primeiros são peões. Na imprensa aparecem notícias como a presença na costa de navios «russos». Não obstante revelar este grande quadro de «chantagens e traições» de que é «alvo», Portugal não diz, até o fim do ano de 1964, que o processo histórico iniciado em Moçambique tem fundados alguns alicerces originais. Aos olhos do leitor de hoje é possível dizer-se que algo profundamente enraizado na intimidade dos moçambicanos tinha começado.

DADOS MAL LANÇADOS

A 7 de Novembro de 1964, o jornal «Notícias» inicia a publicação de factos confirmados «in loco» nos 78 374 quilómetros quadrados de Cabo Delgado. O jornalista destacado para a reportagem fala de ataques militares a Chai e Posto de Muldumbe, entre outros locais, mas vê nisso apenas a acção de «uma pequena facção que agiu para dar provas de uma força que nunca existiu e de um objectivo de há muito falhado». Munido com estes dados, oferece-se ao leitor um tranquilizante: «Chai e outras localidades

estão apreensivas mas calmas, senhoras duma serenidade», atribuída à vontade de sanar a «mancha».

A leitura da reportagem proporciona ocasião para concluir que a PIDE estava na posse de valiosas informações e não ficava de braços mortos. Há trabalho prático a fazer e ainda construir, na psicologia das massas, uma convincente imagem de que há força para pôr em guarda e posteriormente esmagar a chamada subversão.

Não se esqueceram até de clamar o perdão para os que nada fizessem contra as autoridades ou mesmo os que o tivessem feito «inadvertidamente». Por exemplo, «sabiam» que os camponeses recebiam cartões de membros da FRELIMO «sem saberem o que era esse rectângulo de papel» ou «a força de armas».

O AVIVAR DA LONGA INSÓNIA

Os primeiros três meses da luta pela independência foram o avivar da longa insónia que representou a permanência do poder colonial no País. Nada nos tem sido mais sagrado como lutar pela nossa liberdade. Esta luta não podia ser calada, nunca o foi, nem enfraquecida por calúnias ou difamações. As tentativas de calar Chai nos últimos três meses de 1964 constituíram a última insólita colonial.

No exército português, o Chefe do Estado-Maior da Armada, Vice-Almirante, dizia à Marinha, por ocasião do Natal, «que a quadra seria de tristeza pelos sacrifícios, para alguns o da própria vida, que os nossos homens estão a suportar para defender a integridade territorial e de indignação e repulsa (...) que nos merece a atitude de muitos países onde se financiam e treenam, armam e instigam para o crime hordas de nativos».

O crime não o cometeu o Povo moçambicano ao erguer-se pela sua liberdade. Nem o Povo português ao ser empurrado para uma guerra injusta. Patriotas em ambos os países não mediram sacrifícios para que o sol brilhasse nas suas terras. Como aqueles militantes do trabalho clandestino agrupados na Quarta Região que a PIDE descobriu, em Dezembro de 1964, no sul do País.

O criminoso foi o colonialismo que nos submeteu a uma longa noite de opressão. Não o deixámos, porém, dormir durante essa noite. As armas dos patriotas se encarregaram de fazê-lo sucumbir à insónia. Mesmo «desconversando», ao falsear os factos do nascer da luta pela independência, a imprensa colonial sempre disse que os golpes dos patriotas doíam. Há vezes em que o crocodilo, por muitas vezes chorar falsamente, chora de verdade e ele mesmo teima em esconder as dores. É esta a estupidez do colonialismo.